



A DANÇARINA REGINA BADET

N.º 292 Lisboa, 25 de Setembro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno. 48800—Semestre. 28400—Trimestre. 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBEIRT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SECTO, 43



Quer V. Ex. receber interessantes noticias?
Preencha o coupon junto, e envie-o a:

PAUL DU ROVERAY

39, Rua dos Sapateiros, 1.º, LISBOA

ou

FRED.º BAYER & C.ª

139, Rua das Flores, 1.º, PORTO

SOMATOSE LIQUIDA

GUAYACOSE

Dois dos melhores
medicamentos modernos

COUPON

Nome

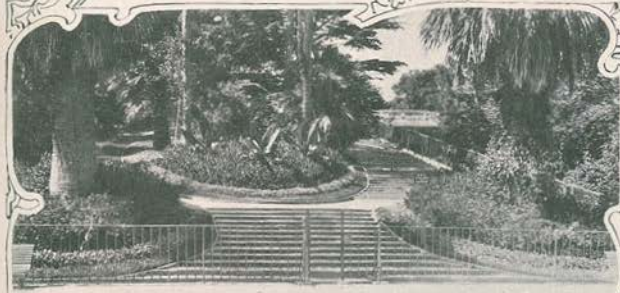
Morada

.....

Jardins de Lisboa

Ha cantos n'um jardim de Lisboa que são verdadeiros retiros, logares onde se pôde estar dias inteiros, sem que, sobretudo n'este tempo, alguém nos vá perturbar. São no jardim da Polytechnica. Passando sob as abobodas de verdura, descendo as ruas declivosas, procurando por detrás dos bambus altos o banco isolado ou então, por entre os arbustos da beira d'um leito d'agua, o sitio escondido lá está convidando a uma larga demora com um bello livro. E' falho de panorama o jardim de baixo, mas lá de cima, d'um angulo do gradaemento, vê-se meia Lisboa, com os seus montes, a sua casaria, os longes pittorescos em que ha telhados vermelhos e vidros taicantes.

Cada um dos jardins lisboetas tem a sua physionomia especial e tem o seu publico. Agora o da Po-



1—Trecho de um lago do Jardim da Escola Polytechnica 2—No Jardim da Polytechnica 3—O antigo Jardim do Principe Real, hoje da Praça do Rio de Janeiro

lytechnica está abandonado aos dias de semana, falta-lhe aquelle alarido da estudantada que de quando em quando se ouve em tempo d'aulas, como é facil topar, atravessando os arruados, uma ou outra figura d'escolar, lendo tão attentamente as paginas do compendio que nem dá pela

nossa passagem. Fóra d'isso um ou outro idyllio n'esses logares mais occultos, coisas que se advinham, pessoas que não podem encontrar-se na rua e vão ali n'uma fugida crear ás vezes uma eterna saudade.

Bem proximo ha o outro jardim, o antigo Principe Real, com o seu grande lago de repuxo alto, lindo, dourado pelo sol ás tardes, quando,





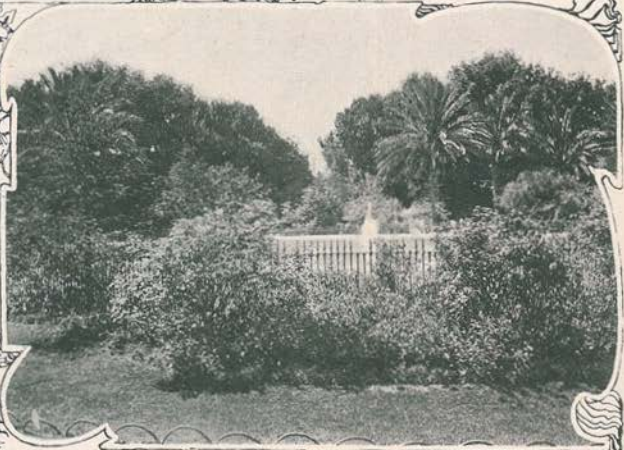
seia os meninos até o guarda republicano que a espreita.

Os carros passam lépidos, em frente as casas da praça têm as janelas quasi sempre fechadas e o jardim, pelas tardes, n'uma grande paz, sente-se ser um lugar de repouso, li, a meio da cidade, no alto, com as suas arvores, com o seu repuxo.

S. Pedro d'Alcantara é para os amigos dos gran-

1— A Avenida da Liberdade vista dos Jardins da Polytechnica
2— O lago da Praça Rio de Janeiro 3— Nos Jardins da Escola Polytechnica

debaixo do caramanchão, se juntam os individuos mais heterogeneos, desde o velho meditativo ao garoto da mercearia, que ali descansou um pouco, tendo aos pés o cabaz das compras que o ajudou, desde a ama que pas-





des scenarios, para os contemplativos e para os estrangeiros de passagem, que não deixam d'ir admirar o soberbo panorama que d'ali se abrange.

E' o Monte, com a sua escarpa, a Penha, n'um cocuruto, o Castello, como uma atalaia, vigiando o rio largo, formosissimo, com os barcos passando; são os bairros novos n'uma impressão de grandeza, d'aglomerado, a avenida,



1—Um trecho tropical dos Jardins da Polytechnica 2—A alameda de S. Pedro d'Ancastera 3—Um trecho do Jardim da Praça Rio de Janeiro

rasgada, ampla, a nossos pés, com as suas bellas arvores copadas. Depois a Baixa, onde resae a plataforma do elevador de Santa Justa, as claraboias scintillantes, mais nesgas do rio, isto visito atravez do gradeado, tendo nas

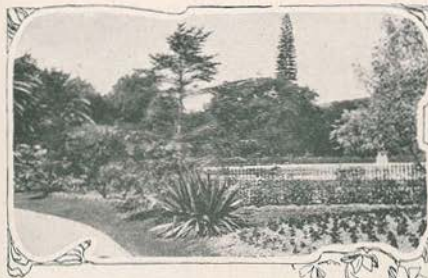




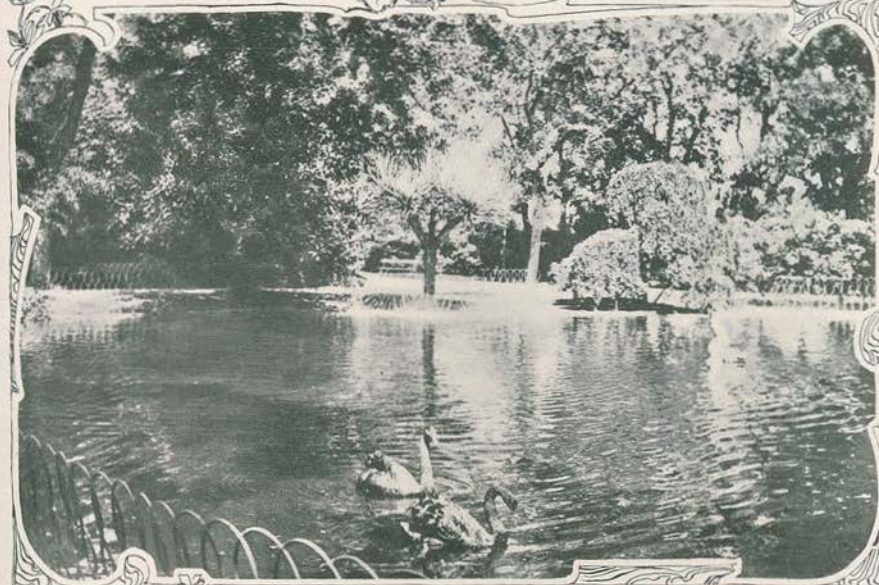
costas os bustos dos guerreiros, dos navegadores, dos heroes, como n'um cenaculo, juntas ali em demasia as estatuas de que tanto carecem os outros jardins, porquese elles teem naturaes bellezas ácerca d'arte são

1—O Jardim de S. Pedro d'Alcantara
2, 3 e 4—O Jardim da Praça Duque da Terceira



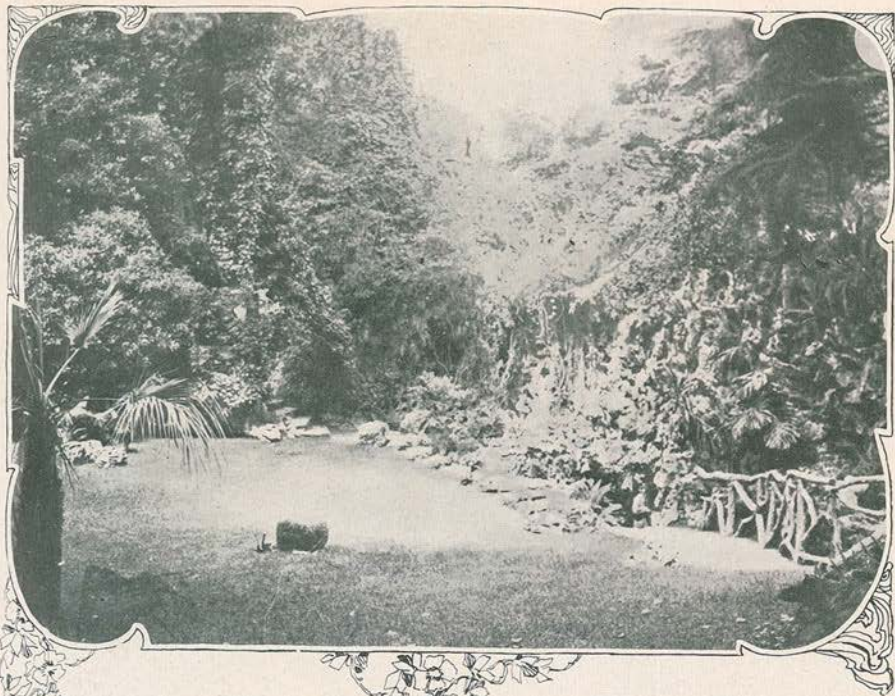


1— Um trecho do jardim da praça Rio de Janeiro
 2— Trecho da alameda de S. Pedro d'Alcantara
 3— O lago dos cygnos no Passeio da Estrella
 4— O cedro do jardim da Praça do Rio de Janeiro



por demasia falhos.
 Na Estrella, um dos
 nossos mais lindos jar-
 dins, vão agora ser col-
 locados dois trabalhos
 d'escultores nacionaes
 e realmente ficam ali
 bem. E' o jardim mais
 frequentado por crean-
 ças. A's tardes as casas
 da Lapa, Santa Izabel e





Buenos Ayres deixam passar os bebês louros e brancos, com os seus bibes claros, os seus sonhos côr de rosa; preceptoras gracios seguem-nos com os *canotiers* muito simples, blusas arrendadas, saias curtas, sapatos claros de tacão largo. São *bonnes* inglezas ou allemãs, por vezes francezas, que ficam sentadas nos bancos, com os olhos fixos n'um livro, que não lêem a maior parte das vezes, emquanto a pequenada se junta e vae brincando. Cadetes aperaltados espreitam as preceptoras, velhotes reformados, apoiados ás bengalas de castão d'osso, evocam saudades, o passado e o jardim, por vezes, ao cair da tarde, retine extranhamente. São os pardaes nas arvores; são as creanças nos arruados.

Os velhos reformados, que se

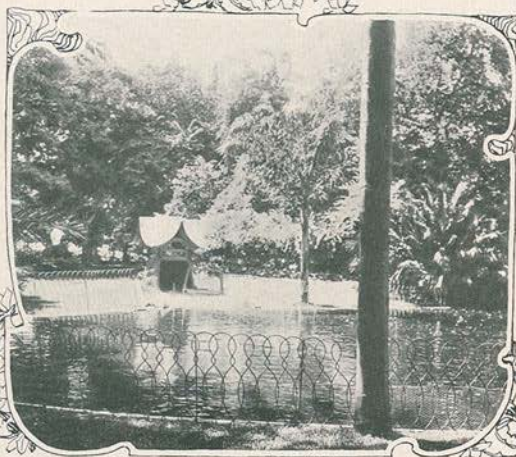
conhecem logo, interrompem por vezes as suas historias para olharem aquelles bandos que passam de corrida.

Esses militares, funcionarios de pequena cathogoria, raramente um ou outro capitão mercante retirado — porque esses gostam mais dos jardins de Santa Catharina e das Albertas—vão contando, até ao tocar da sineta, as coisas que viram nos seus annos de serviço; depois sahem, lado a lado, vagarosamente, como gente que já fez tudo quanto tinha para fazer, gahando as sombras, os confortos do jardim, acabando sempre a dizer:

Pois sim... Mas não chega ao Passeio Publico!

Oh! o Passeio Publico!

E seguem recordando, embevecidos; as creanças passam aos bandos, rindo, não tendo ainda saudades. C. J.



1—Um trecho do Jardim da Estrella 2—Um dos lagos do mesmo jardim

AS MANOBRAS DO EXERCITO ALLEMAO.



1—Cavallaria allemã 2—Uma columna em marcha
3—O principe imperial nas manobras com os seus
dois ajudantes de campo

Um dos episodios mais notaveis das manobras da Altengrabow foi um ataque de flanco feito pela cavallaria da mais brilhante maneira e que o general director das manobras criticou assim:

«Esta carga ou outra analoga lançada contra a infantaria ou contra a artilharia produziria sempre um notavel effeito moral. Em tempo de paz a simples vista de semelhante carga impressiona-nos os nervos. Que seria a realidade?!»

Guilherme II interrompeu o general, dizendo: «Tem mil vezes razão quando faz intervir a questão de nervos. Os da nossa geração são maus, mas graças a Deus, nós os germanos somos dos que os temos melhores. Os que quizerem collocar-se no nosso caminho não esperarão muito para o experimentarem á sua custa. Vencel-os-hiamos a ponto de lhes tirarmos para sempre a vontade de recommear.»

Esta declaração causou uma grande semsacção em toda a Allemanha e foi reproduzida nos jornaes como uma ameaça do Kaiser á paz europeia.

AS MANOBRAS DO EXERCITO FRANCEZ



1—Um regimento em marcha
2—O bivouaque
3—O repouso n'uma villa



Estrelas de Paris

RÉGINA BADET

Ha dias, n'um dos theatrinhos de verão dos Campos Elyseos, que são uma das muitas frivolas mas sedutoras atrações da vida parisiense, estreiou-se uma pantomima com côros, intitulada *Carmela*. É uma coisa passada em Nápoles; conhece-se isso pelo traje dos figurantes e pelo panno de fundo onde se vê o fumo do Vesúvio. Pela napolitana apaixonada irmãos; ella d'elles; os

na Carme-
nam-sedeois
prefere um



1—Régina Badet
2—Régina
Badet patina-
dora



quando, em fevereiro d'este anno, cheguei a Paris, estava, no theatro Antoine, uma peça em pleno exito só porque n'ella essa artista apparecia vestida apenas com um *maillot* de renda preta que lhe deixava um seio inteiramente nú. Era uma mediocre adaptação de *La Femme et le Pantin*, o bello romance de Pierre Louys. Fui vê-la. Exactamente, porque nada tinham de parisienses os seus negros cabellos de creoula, os seus labios de sensual impenitente, os seus olhos profundos, a sua pelle morena. Mas percebi tambem que, mesmo vestida, a Concha do drama seria sempre uma interessante figura da scena, cheia de talento, cheia de imprevisto, com um perfume de vida ardente bom de sentir, um ar de mocidade consolador n'um tempo em que as *estrellas* d'este paiz só ao dobrar dos oitenta se consideram no apogeu do seu esplendor.

dois desafiava-se; atam-n'a a um candieiro para que, manietada, ella veja o combate; morre o preferido primeiro, o outro depois, em consequencia d'um ferimento que recebeu na lucta; e Carmela endoidece. Tragedia sem novidade e sem interesse, feita nos bastidores, muito á pressa, para dar logar a exhibição d'uma dançarina que é ao mesmo tempo uma comediante e uma interessantissima mulher: Régina Badet.

Lembro-me de que,



Régina Badet em villegiatura,
entre as rochas
dos Pyreneus



1—Regina Badet na scena da orgia da «Aphrodite»
(Quadro de H. Farré)

3—Regina Badet, na «Iphigenia em Aulide».

tello onde Ariana as vae achar. Veiu de longe e não pôde entender-se com as suas irmãs na desventura porque não comprehende a lingua que ellas falam. Mas tem a eloquencia das lagrimas, do gesto, do olhar e por minha fé lhes digo que, ao vê-la, na Opera-Comique, representando esse papel, me pareceu que, em toda a peça, entre as suas companheiras que cantavam em longas tiradas lyricas as suas esperanças e as suas amarguras, era ella, sem uma palavra, quem se exprimia melhor.

Não é facil enquadrar a aptidão artistica de Régina Badet n'um genero ou n'uma escola. Ainda muito recentemente eu li n'um livro de mr. Georges Maurevert que ella era apenas a mais feliz das imitadoras de miss Isidora Duncan. Discordo inteiramente. Emile Berr, o chronista brilhante, analysta subtil e psicologo arguto, publicou no ultimo dos seus livros uma impressão exacta da arte da grande americana:

«Nós amámo-la — diz elle — pela especie de paradoxo que ella encarnava; pela surpresa encantadora que traziam aos nossos olhos uma garganta e umas pernas tão pudicamente nuas. Ella dançava, e a sua dança não excitava o desejo. Ella mimava o amor e o seu gesto não *provocava*; ella sorria, e a gente não via n'esse sorriso nada de inconfessavel.

Em Paris, a dançarina é uma pessoa cuja funcção é a de excitar. Em cada um dos seus gestos deve haver uma intenção per-



turbadora, em cada uma das suas olhadas um subentendido espiritual. Ella só será uma verdadeira dançarina — uma dançarina segundo a regra de Paris, bem entendido — se souber inquietar os sonhos dos collegiaes e dar voltas ao miolo dos homens casados, com fortuna. A de hontem era uma dançarina casta e foi essa, talvez, a razão principal do seu successo. Isidora fazia da sua nudez um uso desconhecido em França; empregava para agradar honestamente encantos destinados pelo habito a um objecto todo differente. A sua graça era ingenua, e de uma ingenuidade *exquise*, quasi infantil, em que se misturava, aqui e além, uma ponta de deliciosa *gancherie* ingleza».

Ora Régina Badet não é nada d'isso.

Sem duvida a sua dança é alguma coisa de mais intelligente que as velhas piruetas do nosso *vira*, o levantar de perna do *cancan* authentic, os requebros salerosos de um bom *tango*. Mas longe a ingenuidade do seu olhar de fôbre enormemente negro, dos seus seios admiraveis que uma população inteira correu a vêr, mezes a fio, levando nos olhos ávidos muito mais luxuria crepitante que o calmo encantamento de uma grande impressão de arte; longe a immaterialidade de sonho de Isidora, no contorno dos seus braços abertos, na côr morena da sua pelle estranha que um auctor grave não hesitou já em comparar á pelle de uma pantera. Essa *excita*, essa *provoca*, essa *perturba*. Mas não é a excitação da classe *danseuse* parisiense, tal como Berr a descreve no confronto com a americana. Não é a provocação canalha, *double sens*, viciosa, grosseira. E' a perturbação do desejo são, da sedução nobremente animal que um corpo lindo respira quando a vida crepita n'elle como uma chamma que se ergue das miserias da terra para embaciar com o seu fumo a claridade do céu. De Isidora a Régina ha a differença profunda que separa a Sieglinda de Wagner, da Carmen de Marimée. E, já que falei na *Carmen* deixem-me dizer-lhes quanto eu sinto que Régina Badet, além de ser uma grande bailarina e uma comediante das melhores, não possa ser ainda uma grande cantora, para nos dar na scena, integralmente, a personagem tão deturpada do drama lyrico de Bizet. Estou a vê-la, seduzindo, com a flôr vermelha entre os dentes, como a beber-lhe nos labios o veneno com que iria corromper depois a alma do brigadeiro; estou a vê-la, a cigana perfeita, no acampamento da montanha, olhando com os seus olhos de fatalidade e de mysterio sobre as cartas, o insistente presagio da morte inevitavel...

N'essa pechincha do Marigny em que eu a vi agora, Régina Badet foi todo o successo. Os momentos do combate dos dois irmãos e a scena final da loucura, confirmam mais uma vez essas qualidades preciosas que eu desejava vêr sempre utilizadas em emprego mais digno d'ellas.—Paris, setembro.

Paulo Osorio.



Régina Badet em «La Femme et le Pantin»

UM GRANDE POETA PORTUGUEZ

AS NOVAS EDIÇÕES DA "SALOME" E DA "SILVA".

Raramente em Portugal um auctor e sobretudo um poeta pôde lêr na lombada das suas obras estas palavras consoladoras: segunda edição. O publico, na sua maioria avesso á litteratura, preferindo, todavia, a prosa ao verso, não pôde crear aos escriptores a vida desafogada de que elles já gosam mesmo na vizinha Hespanha.

Entre nós os homens de letras são, pelas condições do meio, em vez de profissionaes *dilettantis*, não tirando das suas obras senão pouquissimos proventos a não ser que se lancem n'um genero litterario do agrado das multidões, como o romanço ou a novella populares em que a imaginação suppre a fórma e a phantasia é por vezes bem destrambelhada.

O poeta de raça que é Eugenio de Castro n'um outro paiz venderia os seus livros por milhares e as suas imagens fulgurantes, as suas idéas, todo o brilhantismo das suas composições seriam celebradas nos jornaes universaes e o seu auctor incorporado na cathgoria d'esses artistas mundiaes raros espiritos de maravilha.

Aqui, dada a pobreza intellectual, a falta de cultivo, o poeta vê-se no auge da consagração lido pelos poucos que o podem comprehender, sem ter enthesourado uma fortuna que em França teria conquistado, sendo, todavia, os seus triumphos contados por cada um dos seus livros.

Eugenio de Castro vive no seu retiro, entregando-se ao seu trabalho, tratando a sua arte com esmeros, com cuidados, dando-lhe esses labores que a tornam tão bella, o que fez d'elle um dos grandes poetas nacionaes.

Fez-se agora a segunda edição da *Silva* e da *Salomé*, d'essas duas joias poeticas, o que para a tacinhez do meio, representa mais uma victoria para o illustre poeta cujo nome ficará como um dos maiores da nossa litteratura contemporanea.

Não sae d'estas consagrações o desafogo da existencia, não vem a compensação larga para uma vida toda dedicada ao trabalho, mas, á falta d'isso, ha a victoria moral que consola e incita apezar de tudo.

A *Illustração Portugueza* regista mais este triumpho do grande poeta, cuja obra tem tanto de singular como de perfeita.



Eugenio de Castro

AS FESTAS DE SETUBAL

Setubal festejou mais um anniversario do nascimento de Bocado que, como um verdadeiro homem de genio, só além da morte teve a consagração. Em vida, roto, esfaimado, misero, vindo da pobreza da sua agua-furtada para as esmoladas das mezas fidalgas, era um grande infeliz. As suas ironias eram desalentos que lhe rendiam castigos; os seus elogios eram memoriaes em que solicitava pão. O intendente da policia abria a porta dos carcereiros para cerrar a sete chaves sobre elle; o Santo Officio espreitava-o na sombra. Este homem que não tinha onde se amparar era



- 1—A casa onde nasceu Bocado ornamentada por occasião das festas
- 2—O sr. Agostinho Fortes fazendo o seu discurso
- 3—A multidão na praça do Bocado

ainda assim invejado pela legião de poetastros que se





nutria á larga das composições todas louvaminheiras a ricos e a poderosos.

No meio da sua desdita ainda tinha que lutar. A época era de decadencia mas elle fulguraria mais com os seus tarrapos que os grandes do reino com as suas commendas, com as suas fardas, com o seu poder.

Quando morreu e mãos piedosas o levaram a enterrar, logo esqueceu o homem de genio e o povo entrou a fazer d'elle um chocarreiro. Os francezes iam entrar em Portugal não havia tempo para discriminar bem qualidades de talento; era pouco o tempo para



- 1—O carro da cidade de Setubal no cortejo
- 2—As creanças das escolas de Setubal abrindo alas ao cortejo
- 3—Os marinheiros da «Zaire» no cortejo

a côrte fugir. Mas decorreram annos, passaram épocas e o genio do poeta foi trazido para a luz em todo o seu brilho, fizeram reedições das suas obras e Setubal, por um mez de dezembro inclemente, em 1871, erigiu-lhe uma estatua, cuja



turbou o cortejo que desfilou diante do monumento, antes um lindo sol dourou n'uma sacração o vulto do poeta que a sua terra, passado mais d'um seculo, devotadamente consagrava.



1— Um trecho do cortejo
2— As autoridades civis e militares no cortejo

inauguração era assim commentada por Pinheiro Chagas:

«Aquelle homem que em vida não teve uma boa casaca n'esse dia apanhou duas: uma de pedra e outra de agua».

Os festejos decorreram com toda a imponencia, a chuva não per-



3—A academia desfilando na Avenida Todt 4—Outro aspecto do cortejo
(Clichés de Benollet)

A MORTE DA ESPOSA DO
DR. THEOPHILO BRAGA.



A sr.^a D. Maria do Carmo Xavier Braga, esposa do illustre escriptor, Theophilo Braga falleceu em 15 de setembro e o seu funeral constituiu a mais commovente homenagem que se podia prestar á memoria da



1—D. Maria Xavier Braga
2—O feretro á sahida da residencia de Theophilo Braga

companheira do venerando vulto que presidiu ao governo provisório da Republica n'uma consagração definitiva da sua vida de luta honesta e aturado trabalho.

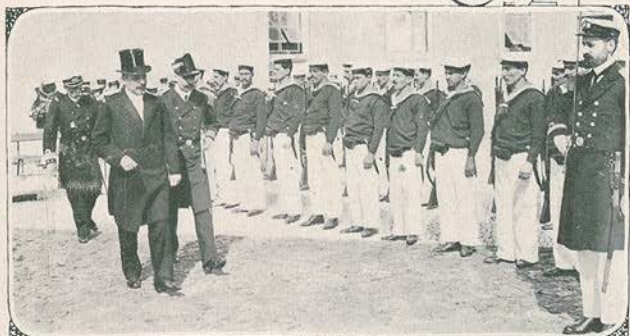


3—Os marinheiros conduzindo a carreta no turno de que faziam parte os srs. Anselmo Ibraamcamp e Bernardino Machado 3—No cemiterio: o primeiro turno: vendo-se no primeiro plano o representante do Presidente da Republica e o chefe do governo 4—Os marinheiros á frente do feretro na Travessa de Santa Gertrudes (Clichés de Denolle)

A Visita do Ministro da Marinha ao Quartel de Marinheiros

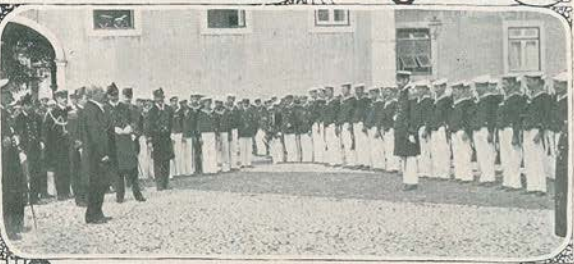
O ministro da marinha do governo presidido pelo sr. João Chagas é o sr. João de Menezes que, pela sua attitude dentro do partido republicano, pela sua obra de propaganda politica e combatividade parlamentar fóra indigitado desde o inicio do novo regimen para fazer parte d'um ministerio. O seu companheiro da *Lucta*, sr. Brito Camacho, foi ministro do fomento com o governo provisorio desde que o sr. dr Antonio Luiz Gomes recebeu a nomeação de plenipotenciario de Portugal no Brazil; no primeiro ministerio da Republica constituida esperava-se que entrasse o sr. dr João de Menezes.

Não fálhou a expectativa e o chefe do governo entregou-lhe a pasta da marinha apesar da sua qualidade de civil, confiando na



sua vontade de trabalhar ainda affirmada ultimamente na visita que fez ao quartel de marinheiros em 14 de setembro.

O ministro recordando no seu discurso os dias da revolução em que a marinha se distinguiu, disse serem os marinheiros portugueses os melhores representantes de Portugal e por con-



1—O commandante do corpo de marinheiros apresentando o novo ministro da marinha ás forças
2—A revista no quartel de marinheiros
3—A revista pelo ministro da marinha, commandante do corpo e major general da armada
3—O ministro da marinha falando aos marinheiros 4—Aspecto da paradia por occasião do discurso—(Lichés de Benoliel)

sequencia dignos de todo o auxilio que não deixará de lhes prestar na gerencia da sua pasta.



FIGURAS E FACTOS



Este objecto historico, que será exposto no Museu da Revolução, veiu rebocado pelo *Berrio* até ao Arsenal onde chegou a 14 de setembro ficando atracado a um dos muralhões da caldeira sob as janellas do ministerio da mari-nha.

A barca «Bomfim»

—A barca *Bomfim* a bordo da qual a familia real se dirigiu para o yacht *Amelia*, sahindo da praia da Ericeira, na tarde de 5 de Outubro quando se soube da proclamação da Republica, foi offerta pelo seu proprietario ao governo.



1—As creanças da Cantina do Coração de Jesus á volta do banho da Trafaria 2—O segundo turno das creanças das Juntas de Parochia de Lisboa voltando dos banhos 3—A canoa «Bomfim» onde o ex-rei D. Manuel embarcou na Ericeira chegando ao Arsenal — (fichés Benette)

UM CANTO DE PORTUGAL NA SERRA

Ha no co-
ração das
provincias
umas regiões
agrestes e laborio-
sas, distantes do
seculo e mais indivi-
dualistas que o valle
designa pela *serra*. So-
be apenas para lá a via roma-
na ou o caminho velho aluci-
nado e é ahi o jardim das len-
das que restam a Portugal.
Teem as vezes muitas leguas
em redondo e sem estradas,
nem escolas, a raça é energí-
ca e farta, vivendo independen-
te do progresso, sem perder
nem ganhar. Por um esforço



da ribeiro. São verdadeiros Ro-
binsons na sua serra, de vida tão
autonoma que se o mundo se
subvertesse sua economia não fi-
caria abalada.

O serrano, senhor feudal na
sua portela, pratica a moral mais
largamente solidaria. Nas horas
de transe sae da capucha e vil-
lão ajuda a villão. Um repique
do campanario e sem bom-
bas nem escadas Magyrus
extinguiu um incendio
mais depressa que os mais
solertes bombeiros. Cada
aldeia tem um forno e um
moinho pertença equal de
todos. O rio é de quem
quer pescar, a serra gene-
rosa e opulenta aquece in-
distinctamente a todos. E'
uma precursão completa
do sindicalismo, antes de
Fourier e Pataud, o rei da
luz.

Os rapazes da serra são
no Douro os grandes vin-
dimeiros do *valle*, os me-
lhores malhadores. Não
conhecem a idéa da patria
e choram quando vão pa-
ra o regimento porque
ignora a sua mentalidade
simplista com que fim. Mas
mesmo assim são esparta-
nos a morrer e talvez a

combater se lhe disserem bem humanamen-
te porque.

O homem é feio, dir-se-hia que a sua phy-
sionomia se obsidiou do informe e do som-
brio da serra, mas as raparigas teem cabel-
lo para se tecerem calabres com que elevar
um templo á belleza. N'alguns sitios a mu-
lher é esbelta, rosto fino, pelle rosada, ca-
bellos sobre o loiro, talvez góttas inextintas
do sangue suévo. Em Paris seriam opera-
rias do *faubourg*.

Nas danças seu mór cuidado é tecer, des-
tecer, cruzar columnas. Procuram n'ellas



1—As duas malhadas rivaes: Todo o esforço!
2—Um aspecto da malhada

exhaustivo o solo alimenta-os, um solo em
que se não aclimata a vinha nem o laranjal.
Semeiam o linho e elles mesmos cardam,
massam, espadanam, assédam, tecem o li-
nho. Com elle e com a lã dos rebanhos ur-
dem o vestuario de todo o anno e os en-
xovaes de noivado, alegres e coloridos co-
mo o fundo d'um quadro de Rendin. Ali-
mentam-se sem sair do termo, o legume, o
porco, o coelho das devezas e o bordalo



1—Acompanhando o enterro
2—Um canto da feira na Serra

mais a dextreza do individuo que a graça do par. São assim quasi todas jogos de resistencia e de liberdade, por isso a cadeia ou a péla solta lhes apraz mais que a valsa. Ha nas suas danças a expressão primitiva das alegrias, braços livres, dedos esfusiando, a anca quebrada no mole requebro das curvas. A *chula* é mais formosa que a contradança franceza; a *caninha verde* um silveiral onde cantam os melros e lateja o rythmo contente da criação

Não são supersticiosos e a sua religiosidade é apenas um habito social, exterior, de arraial, de procissão. Adora os santos, sim, porque são creaturas como elle, mas nunca ligou grande importancia a Deus e ao Diabo.

A serra é um organismo antigo de muitos concelhos as vezes, ferozmente, *ella*, jazigo formidavel de tempera portugueza. Aqui na Beira comprehendida Villa Nova de Paiva, e parte de Moimenta, Sattam, Tarouca, Sernancelhe. Mesmo com a emigração nada d'ali se perdeu, nem esforços, nem almas. O serrano, aninhado como os gaviões no cimo dos montes, deve ser o celta puro, sem cruzamentos. Como elle é leborioso, fechado em suas alcarias mas amigo da sociabilidade e nunca fruste de mau humor. Deve ser o sangue d'elle que ali corre tão duro e fresco como o veio d'agua que corre nos gavetões seixosos da montanha. Passou na serra o arabe—vêm-se as pégadas—mas não se descobre pinta do seu temperamento, esta sensualidade e *assomadismo* do sul. A carcassa d'um ou d'outro atemorisa as ribanceiras nuas; mas os romanos dispersos e vagos mergulharam no seio vasto da raça. O que abunda nas campinas é o dolmen. O dolmen surge a cada passo, espojado, immerso no ermo como a época em que homem tirava dentro d'elle,

batido da acbrunhante hostilidade das coisas. A poeira do progresso, a litteratura franceza têm varrido a lenda de Portugal. A lenda é uma criação captiva que só vive nos terrenos virgens por isso veio alandorar-se na *serra*. Mas mesmo aqui já lhe amanheceu o crepusculo desde o primeiro dia em que o brasileiro appareceu com o primeiro gramophone.

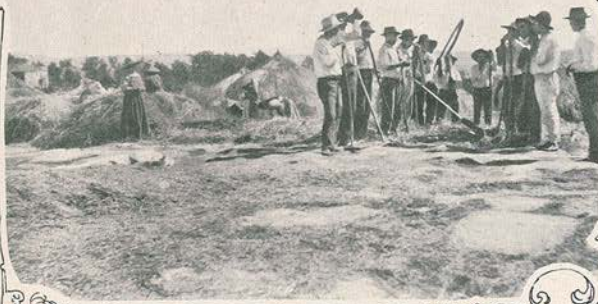
Era a lenda portugueza pobre de figuras, sendo umas muito absurdas e outras muito ineffaveis. Revelavam ellas apenas o quietismo e o espanto d'uma raça que via passar reis e faiscar oiro nos sonhos.

Nenhuma contorsão para o infinito ou para o maravilhoso. O Condestavel, Camões não se quedaram na imaginação popular.

O sebastianismo foi simplesmente uma psychose. A phantasia era peca: o centauro antigo reaparecia no boçal lobishomem arrastando seu fadario pelas encruzilhadas; as almas do outro mundo saltavam ao caminho, no maior incognito, a pedir duas missas para remissão dos peccados.

E as bruxas não eram folgasãs, nem sabias, nem nunca puzeram o pé no sabbat, com os duendes, os gnomos, os lutius, toda a farandola doida de Santa





1—Entre duas eiradas
2—A gente amovavel da Serra

Valpurgis. Andavam apenas pelos vidoeiros a semear quebrantos e espinhelas caídas. Só as moiras encantadas tinham a sua atmospheria de serenidades e riquezas na idéa do povo, pobre e atormentado.

A serra não era o jardim d'ellas, bem como do sino saimão e do livro de S. Cypriano.

Nas madrugadas de S. João vinham as moiras estender em logradouros certos suas meadas d'oiro e seus cordões de pedras finas.

Mas ai d'olhos que tal vissem que ficavam moiros tambem. Para resgatal-os não valiam exorcismos nem graça de madrinha.

Essa lenda é d'uma genese simplista e adoravel.

Os arabes, grandes exploradores de metaes e habeis lavrantes do oiros, tinham deslumbrado o celtibero com o seu fausto de joalheria. Expulsos, arrastando o seu luxo e deixando lagrimas, a imaginação do vencedor foi ferida.

A lenda saiu d'aqui do sentimento da derrota, a aljava grosseira do montanhez vencendo o alfan-



ge a damasquinado, elegante do mouro.

A lenda do *Vae a Belem* é quasi uma replica pagã a Lazaro, o pobre, a historia das esperanças sempre vistas dos humildes.

Contam-na ainda com convicção fias velhas que leem o *Seculo*, meias sabias, meio beatas, d'este theôr:

N'um certo logar entre serras e pinhaes havia uma pastora a quem, durante a noite, falava uma voz:

Vae a Belem
Acharás teu bem.

Bem esburacava ella os ouvidos, não fôsse maluqueira mas a palavra soava bem claro, vae a Belem, acharás teu bem.

Como fôsse timorada e sempre mal recebidos seus desaguidados propositos não deu a ninguem conta do que ouvia, chamavam-lhe d'alcunha a *Maria Mazorreira* por ser uma paz d'alma, não pôr vulto entre as mais raparigas e de deixar entrar os lobos no rebanho.

Ora havia na manada o ladrão d'um bode, velho e de má raça, cujo regalo era estropear pelas penhas e que na loja dormia encarrapitado sobre o penedo que sahia a meio do muro.

Era elle motivo de contendas e quebreiras de cabeca para a pastora que andava sempre a dizer:



1—Um aspecto da malhada

— Venda o chibo, senhor pae. Já não machia as cabras, só para consunção é que ahí anda. Mas o pae não se decidia a vender o bode.

Por isto e pelos muitos trabalhos andava triste a *Maria Mazorreira* e todas as noites sahia a voz da parede:

Vae a Belem
Acharás teu bem.

Afinal tanto ouviu que enchendo-se de animo, se foi a consultar a madrinha a boa fada que tem talismans para os feitiços.

E ella disse-lhe:

— *Maria Mazorreira*, vae a Belem.

Deitou-se a pequena a caminho. Belem era, então, um suburbio, onde não havia a torre, nem o mosteiro, nem os gazometros. Por toda a parte as tintas arabes esplendiam ao sol e é de crêr que algum moirinho alegre tangesse o adufe no area! A pastora entrou n'uma albergaria e pôz-se a contar seus sonhos e a mysteriosa

voz. E palavra puxa palavra, uma boa velha contou tambem as visões que tinha de thesouros escondidos. Sonhava com muito haver no estabulo d'uma aldeia, perdida entre as serras e os pinhaes, debaixo d'um penedo sobre que um bode preto dormia todas as noites. Deu um baque no coração da pastora: 'áte, a terrinha agreste, a loja, o chibo azevieiro podiam ser os seus. Voltou a toda a pressa *Maria Mazorreira*, e com a madrinha,



2—Um enterro na Serra
3—A philharmonica da Serra

excavando e esconjurando os espiritos maus, desenterraram uma grande riqueza, cordões d'ouro grossos como cabrestos, adereços de pedras que até faziam sombra na lua.

D'ali em deante deixou de andar á ventura, entre as rochas pasma das que lhe não respondiam á tristeza, debaixo do sol um velho





1—Em volta da ermida
2—Uma malhada na Serra

regador, cujo crivo estragado entornava desigualmente a consolação. E a Maria Mazorreira deu n'uma fidalga que até o rei a recebia em palácio».

Agonisa a lenda mas alguns farrapos perfumados se agitam ainda no crepúsculo. Ella tinha essencialmente um caracter de milagre, de fortuna explosiva. Não perpassam n'ella justas de namorados, nem exóticas bizarras á Barba Azul. Nem tão pouco se alçou como as lendas do Rheno á derrota dos sentimentos terrestres. A's vezes engrinalda uma condessinha, um pagem atrevido, uma D. Silvana que perdeu o equilibrio e é tudo. O seu theatro são as pastoras, os thesouros escondidos, o salteador puxando do novelo remoto das incursões barbaras. E em todas escorre a candura, o mel da boa sociedade portugueza.

As realidades da vida moderna que o Estado se encarrrega tão penetrantemente de recordar matam a lenda na serra. O serrano reconhece quanto era vã sua confiança nos santos e no livro de S. Cypriano, todas as vezes que a siza, a derrama, a congrua, a decima lhe batem

á porta Depois uns homens que passaram pelos Brazis, de genio aventureiro, vieram quebrar a illusão, estilhaçando as rochas sonoras que tocavam e em que havia indesignadamente fogo e oiro. Estes penedos que guardavam no seu milagre acustico o problema da felicidade, eram o ultimo bastião da lenda. E' a era do desencanto das lendas e na serra, onde já chegam os folhetins, o gramophone, os retratos do sr. dr. Antonio José, o progresso vai sepultando estas coisas com o desfastio e a morgue do coveiro do Hamlet.

Moimenta da Beira, setembro.

*Aquilino
Ribeiro.*



AVISITA DO MINISTRO DA JUSTIÇA À MORGUE



O necroterio de Lisboa é uma pessima installação. Teem passado os ministerios, atravessado as situações politicas, teem se feito altas diligencias para modificar semelhante espectaculo deprimente e vexatorio, os jornaes enchido columnas de protestos mas a situação mantem-se aavez de tudo. Os cadaveres são collocados ao acaso, d'uma maneira repugnante, visto não haver installações apropriadas, o edificio é tudo quanto ha de menos capaz para o effeito; faltam os aparelhos, faltam as dependencias. A casa dos pobres mortos é um chavascal.

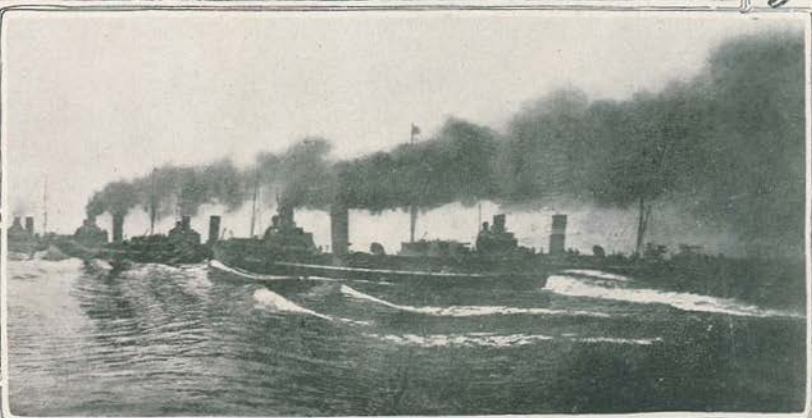
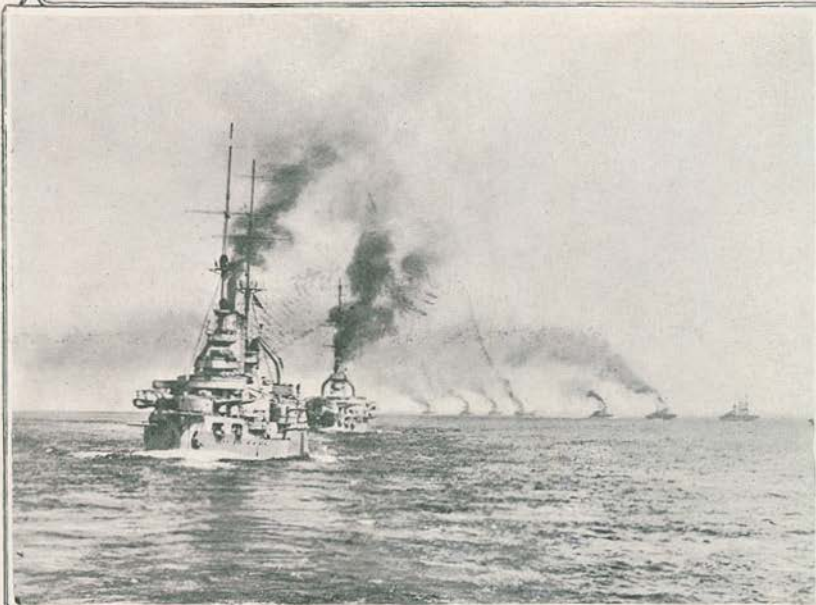
Foi isto o que o sr. ministro da Justiça verificou durante a sua visita realizada em 16 de setembro e em que ouviu as justissimas reclamações do sr. dr. Azevedo Neves, actual director do estabelecimento.

Deante do que se lhe deparou o sr. dr. Mello Leotte prometeu providenciar para que no necroterio não faltem dentro em pouco os elementos necessarios para poder funcionar sem esse ar mesquinho e repugnante tantas vezes verberado pela imprensa, sendo absolutamente preciso, além de um grande frigorifico, uma bibliotheca, um museu de criminologia e um laboratorio toxicologico.

Tambem se pensa em fazer uma casa adequada para a Morgue, com divisões destinadas aos varios serviços, devendo todavia ser aproveitado o mais possivel o actual edificio.

1—O ministro e o sr. dr. Germano Martins, ouvindo o sr. dr. Azevedo-
Neves, director da Morgue 2—No pateo da Morgue:
o ministro e o director do estabelecimento
3—O ministro da Justiça á saída do edificio da Morgue

A REVISTA NAVAL DE KIEL



1— A passagem da esquadra perante o Imperador 2— A evolução da esquadra de couraçados
3— A passagem dos torpedeiros

A MODA



Mademoiselle Montjoie com chapéu e regalo, ultimos modelos da casa Lewis

A *Ilustração Portuguesa* apresenta ás suas leitoras não só o excellente figurino d'um vestido da ultima moda, mas tambem o modelo sensacional dos chapéus e dos regalos lançados agora em Paris e que serão usados no proximo inverno por todas as ver-



dadeiras elegantes. Os modelos são do grande costureiro Lewis que está creando agora a reputação que Worth teve no segundo imperio.

Mademoiselle Piarnetti com ultimo modelo de toilette—Clichés Felix)



1—D. Olga Moraes Sarmento da Silveira
2—O presidente da Republica do Brazil assistindo
no palacio Munro a uma conferencia
da sr.^a D. Olga Moraes Sarmento



Um livro lindo para Crianças



Um dos ramos mais interessantes da litteratura artistica contemporanea, é o que se destina a ser lida pelo publico mais encantador que existe — o das crianças.

Em Inglaterra, na Allemanha, n'outros paizes, ainda, essa litteratura attingiu uma importancia excepcional, e é preciso não ter folheado uma vez esses livros, compostos com uma technica maravilhosa, para não conhecer o que a Europa produz como sendo uma das mais brillhantes provas da sua civilização superior. Nenhum espirito esclarecido contesta já hoje a influencia enorme que sobre as crianças exercem os primeiros livros queellas conhecem.

E' assim que uma obra d'esta natureza offerece graves responsabilidades a quem se abalançar a tratá-la, e só quem não tiver perfeita consciencia d'essa responsabilidade não terá hesitado muitas vezes, antes de conseguir realisá-la. Primeiro que tudo, exige-se um texto de perfeita clareza, mantendo constante interesse e animação; depois, é necessario que o illustrador desenhe para crianças, exactamente como o auctor para ellas escreve; e para se obter o indispensavel *conjuncto do bom gosto* — exigencia primacial — é preciso que o trabalho typographico, opapel, etc., concorram para o effeito desejado. É só então se poderá pôr esse livro nas mãos dos leitores — sem receio de lhes fazer mal...

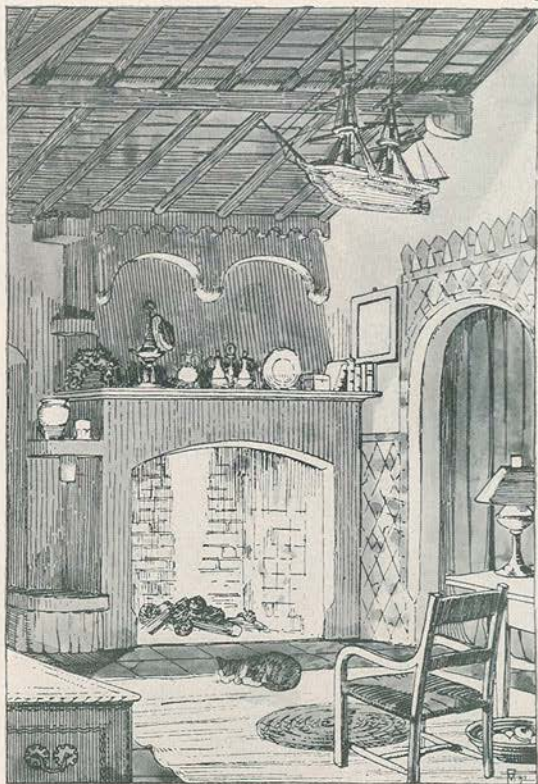
Estas breves considerações são-nos suggeridas por um livro portuguez, agora publicado, e de que são auctores o poeta Affonso Lopes Vieira e o architecto Raul Lino.

Estes dois artistas, cujas obras o publico conhece de ha muito, decidiram-se a iniciar entre nós o *livro de arte para crianças*, tal como elle é hoje comprehendido pelos educadores, e n'elle empregaram os seus melhores recursos e boas vontades.

D'essa collaboração resultou o lindissimo volume intitulado *Animaes nossos Amigos*, que não é uma imitação de livros estrangeiros, antes procura ser portuguez, de maneira a fazer amar pelas crianças a boa terra da patria. O aspecto do livro mostra-nos immediatamente como a nossa industria é capaz de produzir com brilho, desde que uma orientação moderna a saiba dirigir.

E foi tambem esse espirito moderno que inspirou a collaboração dos auctores, no texto e nas illustrações a côres que o acompanham, atravez das suas noventa paginas.

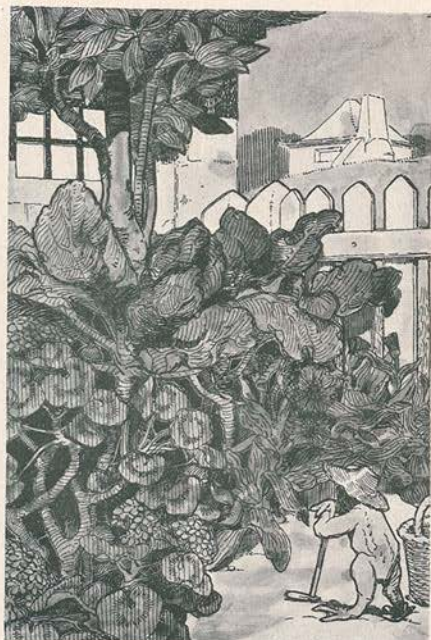
Affonso Lopes Vieira cantou — em versos em que o poeta se não esquece nunca da qualidade do publico a quem se dirige — a fidelidade e o amor do cão, que festeja o dono, guia o ceguinho, guarda o rebanho e é o mais devotado amigo do cavader; celebrou o gato, que, do alto da sua janalla, ao sol, ou deitado ao pé do lume, ama



acima de tudo a sua casa; chamou a sympathy para os burros pacientes e trabalhadores, que ajudam os pobres; elogiou os bois, —leões com corações de passarinhos,—que lavram a terra, fortes e tranquilos; rehabilitou o sapo, evidenciando a cruel injustiça com que é tratado, elle, que é o melhor ho-telão, porque destrõe a bicharada que infesta e mata as plantações; mostrou, susurrante entre as flôres ou gorgearno azul dos ares, o vôo das abelhas e o vôo dos passarinhos; e, para rematar este lirismo feito de sympathy pelos seres, contou uma das mais profundas e espirituosas lendas que existem,—a do lobo de S. Francisco de Assis, lobo feroz a quem o santo falou:

«Eu sei porque fazes mal,
eu sei o que te consome:
tu és tão mau, afina',
tu és mau—porque tens fome...»

o qual lobo, após a promessa de lhe darem sempre de comer, ficou tão



mansinho como um cão... Raul Lino, por sua parte, illustrou estas poesias com encantador bom gosto — não se esquecendo, elle tambem, do publico para quem as illustrações eram feitas, e realisando, em estampas suavemente e alegremente coloridas, differentes aspectos caracteristico da nossa terra — dos nossos campos e aldeias, das nossas casas, das nossas paisagens — aspectos simples, alegres e bellos. Desde a illustração dos *Bois*, que é um hymno de alegria cantado á fecundidade da terra, até á interessantissima pagina do *Sapo*, scismando de noite, encostado ao seu sacho, e tendo na cabeça um chapéu de jardineiro — todas as estampas completam admiravelmente as poesias de Affonso Lopes Vieira.

Pelas nossas palavras e pelas reproduções que as acompanham, farão os nossos leitores uma idéa do livro excepcional com que acabam de ser presenteadas as crianças portuguezas.

UMA GRANDE FIGURA DESAPPARECIDA



Ressano Garcia foi uma singular figura de destaque na sociedade portugueza. Era um homem de verdadeiro talento, de tanto valor, que no meio das luctas, das accusações, das charges, nunca lh'o poderam negar. Engenheiro distinctissimo, os seus trabalhos attestam todo o seu valor.

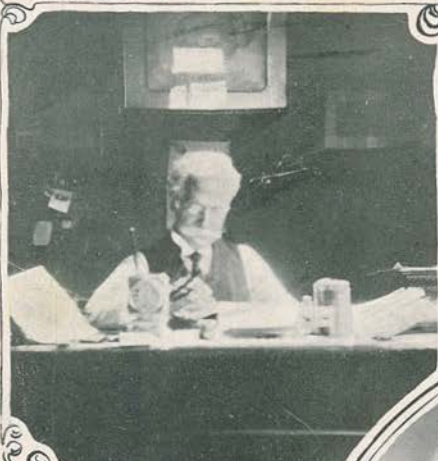
Logo depois da guerra franco-prussiana regressava a Portugal, depois de ter feito brilhantes estudos d'engenharia em França e de ter defendido, como guarda nacional, Paris, que os allemães cercavam. Começou então a sua vida victoriosa. Apparecia em todos os concursos da sua especialidade e vencia sempre e assim foi engenheiro da Camara Municipal, onde creou a repartição technica. Em 1876, quando se tratou dos melhoramentos da capital, organisou um plano magnifico d'esses trabalhos. Mas sobeja ainda tempo a esse homem para estudar, para mostrar a sua vontade e a sua sciencia. Na Escola do Exercito abre-se um concurso para lente e Ressano Garcia, sendo civil e sabendo quanto os jurys da escola preferiam os militares para o seu corpo docente, atreveu-se a disputar o logar e conquistou-o.

Os melhoramentos do porto de Lisboa tambem lhe foram devidos em parte.

Foi ainda lente do Instituto Industrial, deixando entre os seus discipulos a fama de homem de sciencia que ninguem lhe poderá recusar. Um individuo assim dotado, tão cheio de faculdades, não podia escapar á rêde da politica. Filiou-se no partido progressista; foi deputado e foi ministro, depois par do reino. Ressano Garcia não era porém um d'esses sabios circumspectos, agarrado á sua sciencia; dividia as suas multipas aptidões e era acima de tudo um homem de espirito. O governo portuguez no-



- 1—Ressano Garcia
- 2—Ressano Garcia aos 18 annos
- 3—Ressano Garcia estudante em Paris
- 4—Ressano Garcia aos 35 annos
- 5—Ressano Garcia, quando foi ministro pela primeira vez



1—Ressano García, delegado de Portugal por ocasião da exposição de Paris entre os representantes da França e da Rússia

2—Ressano García no seu gabinete de trabalho

3—Ressano García com a sua netinha

balhador e gostava de tratar bem desenvolvidamente os assumptos, deixou obras inéditas bastante volumosas e dignas do seu grande talento, demonstrado de tantas fórmas durante o largo periodo da sua vida como engenheiro e como professor.

meu-o commissario á exposição de Paris em 1900 e ali mostrou tão brilhantemente as suas faculdades que o celebre engenheiro Picard fez a sua apologia no grande banquete dos delegados das nações, evocando os seus triumphos escolares — pois fôra seu discipulo — sendo todavia Ressano o primeiro classificado. Escrevendo tinha um certo brilho, uma visão das coisas que se impunha e como era um grande tra-



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame

BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e fez das applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathogoria a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, Italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43. RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 18000 rs., 23500 e 38000 rs.



CONSTIPAÇÕES antigas e recentes
TOSSES
BRONCHITES
são radicalmente CURADAS
PELA

SOLUÇÃO PAUTAUBERGE

que dá
PULMÕES ROBUSTOS
e previne contra a
TUBERCULOSE

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.

L. PAUTAUBERGE
COUREVOIE-PARIS
em todas as Pharmacias.

HERNIADO 30 ANNOS

Cura maravilhosas de um bem conhecido
lisbonense

Só em saber-se que existe a cura da hernia, é uma grande fortuna. Alguma gente julga que só um medico com uma navalha e uma agulha poderá cerrar uma hernia.



SR. EDUARDO ROSA

Porém a experiencia do Ill.^{mo} Sr. Eduardo Rosa, morador em Lisboa, Rua da Magdalena, 31. (Typographia), herniado durante 30 annos, antiqua por completo esta theoria. Ha um especialista em Londres que descobriu um maravilhoso methodo de tratamento, que não só remtem qualquer especie de hernia, mas tambem obriga os musculos a desenvolverem-se. O Sr. Rosa sciente d'isto, immediatamente experimentou. Os resultados foram admiraveis.

Apesar de herniado por 30 annos, o Sr. Eduardo Rosa com vou immediatamente a tratar-se e conseguiu uma perfeita e radical cura n'um minuto espaço de tempo. Hoje encontra-se completamente restabelecido e sem o menor traço de hernia.

O Sr. Rosa é um d'entre os milhares de curados por este maravilhoso methodo, que é a descoberta do Dr. W. S. Rice, um dos mais afamados especialistas do mundo. Dr. Rice acaba de fazer a edição de um livro illustrado sobre este assumpto, e o qual elle enviará gratuitamente a todos que o pedirem, para que não se julgue que a hernia é incuravel. A cura por meio d'este methodo faz-se sem dor, perigo, operação ou necessidade de suspender o trabalho. É um methodo que vale bem a pena investigar. Escrevam-lhe hoje mesmo, pedindo o livro gratuito, que exprime claramente o methodo de cura, e é de todo o valor para os herniados, ou para os que tem amigos herniados. Endereço: — Dr. W. S. RICE (S. 825), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres. E. C., England.

Stilli-Flore

Perfume d'uma
concentração até hoje
desconhecida.

Basta uma gotta
para se perfumar.

MODO D'EMPREGO:
Desaparafusar a tampa
e exercer uma ligeira
pressão na extremidade
do Stilli-Flore.

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição

Fazem-se nas officinas da *Ilustração Portuguesa* postas á disposição do publico, executando todo os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcédvel perfeição. Zincogravura e Phot gravura em zinco simples de 1.^a qualidade, acobreado ou nickeado. Em cobre. A côres, pelo mais recente processo — o de trichromia. Para jornaes com trama — especies para este genero de trabalhos. Stereotypia de toda a especie de composição. Imp. essão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Officinas da **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA**

RUA DO SEculo, 43—LISBOA

O vosso busto metamorphoseado

EM POUCOS DIAS

A admiravel descoberta de uma parisiense M.^{me} H. Duroy

Informações gratuitas enviadas franco de porte ás leitoras da **ILLUSTRAÇÃO PORTUQUEZA**

O nosso seculo fertil em descobertas, depois de ter realiado a conquista do ar, acaba de inscrever no seu livro de ouro uma nova victoria capaz de revolucionar a esthetica feminina.

Sim, bem alto o posso apregoar, não mais mulheres desgraçadas pela avareza da natureza, não mais bustos magros, hombros ossudos, não mais peitos cahidos e milles, estragados pela idade, as doencas e a maternidade. Fez-me o acaso vingar, onde tantos outros tem inutilmente procurado. No espaço de alguns dias a minha descoberta que verdadeiramente se prende com os milagres, permite obter um busto harmoniosamente desenvolvido, um peito cheio redondo e bem formado, um pescoço arredondado e hombros admiraveis.

Se as minhas leitoras se encontram por entre as que a Natureza pouco favoreceu sob o ponto de vista dos peitos, se os vossos seos se acham pouco desenvolvidos ou se perderam a rizeja da juventude, não mais desesperes, breve tereis como eu um peito opulento e isso facilmente, mui simplesmente, po.s fazeis vós mesmas, em vossa casa, o que é necessario por um processo que vos indicarei secretamente, como entre se-nhoras convém.

O meu processo que milhares de pessoas reconhecidas qualificam de ma avilhonso não se parece com nenhum d'aquelles empregados até á data, para melhorar a esthetica feminina. Não comprehende nada a absorver

Dia a dia vereis o vosso peito crescer, os vossos seios desenvolverem-se e enrijarem, como por magico effeito, e muito breve uma agradavel metamorphose surprehender-vos-ha, e a todos permitirá de se sciencificarem do desenvolvimento natural e admiravel de vosso busto.

Sou pessoalmente o exemplo mais frisante. Encontrava-me desprovida de peito, e depois de ter experimentado em mim a minha descoberta alcancei o resultado maravilhoso que védes.

Participai-o a varias am'gas minhas, que por sua vez a ensaijarem. Tanto no caso do desenvolvimento dos seios como no enrijamento dos mesmos, o resultado foi cada vez identico, os mesmos maravilhosos effeitos se repetiram infellicmente.

Sinto immensa felicidade com d'essas descobertas se aproveitem todas as minhas companheiras que lastimam o não ter um bello peito. Gracias a um arranjo particular, envio gratuitamente a toda a leitora da *Illustração Portueguez* que me enviar esta narração pormenorizada da minha descoberta e o meio de dar ao busto o desenvolvimento e a rizeja desejaveis.

Responderé por carta particular e com a maior discreção. Escrevei sem demora, pois os pedidos são numerosos de toda a parte e a minha descoberta proporcionou em todas as mulheres, como bem o imaginaes, um extraordinario interesse.



Senha gratis para as leitoras da "Ilustração Portueguez"

A fim de receber gratuitamente todas as informações relativas ao maravilhoso processo para desenvolver o peito e os cuidados respeitante ao embelezamento do busto, queira separar esta senha e dirigi-la em sobrescripto estampilhado com 50 réis ou bilhete postal de 20 réis a **Helene DUROY**, repartição n.º 674, Paris, 12, Chaussee d'Antin.

Nome _____

Morada _____

A' VENDA
Almanach d'O SEculo
PARA 1912



Contra Asthma
Remedio de Abyssinia Exibard
em Pó, Cigarros. — Alivio immediato.
6, Rue Dombasle, Paris. — Todas Pharmacias.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL	
Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação ..	266.400\$000
Réis ..	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Margaria da Couza), Valle Maior (Hilbergaria-a-Uelha). Installadas para uma producção annual de sei. milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente e commendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

rianaia e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousa), Valle Maior (Hilbergaria-a-Uelha). Installadas para uma producção annual de sei. milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente e commendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276 PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telephonic: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

A Seda Suissa

É A MELHOR

Pegam as amostras das nossas novidades em preto branco ou cor:

Duchesse, Voile, Selim Iteliviel, Taffetas, Grège de Chi-ne, Eclizone, Gafels, Mous-soline, largura 120 cm. a partir de 1 fr. 25 c. o metro, **Veludo e Pe-luche** para vestidos, blusas etc. assim como **blusas e vestidos bordados** em batiste, lã, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos freguezes e francas de porte a domicilio.**

Schweizer & C.º
Lucerne E 12 (Suissa)

Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real